internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

# Xi celebra aliança com Putin e afaga Trump na China

## Grande evento da cúpula será a reunião inédita dos três líderes; conflitos entre nações e comércio serão discutidos

**/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

O líder chinês Xi Jinping abriu nesta quarta-feira a mais aguardada reunião diplomática desde que chegou ao poder, há 16 anos e três dias. Ele recebeu no encontro anual da Apec (Cooperação Ásia-Pacífico) os presidentes Donald Trump e Vladimir Putin, com quem fará uma cúpula inédita à parte nesta quinta.

Outros 18 representantes da região participam do encontro ampliado, com destaque para a primeira-ministra japonesa, Sanae Taikachi, que faz sua viagem inaugural ao maior rival estratégico na Ásia. Um premiê do Japão não visitava a China desde 2019.

Xi manteve o usual discurso contra sanções e protecionismo comercial em sua fala inicial no evento, na cidade de Shenzhen, um polo tecnológico no Sul do país. Defendeu "o comércio livre e aberto", em oposição às guerras tarifárias de Trump.

O líder citou a necessidade de controle no desenvolvimento de Inteligência Artificial (IA), mas esquivou-se de qualquer comentário acerca do escândalo de espionagem de seu país sobre a americana Nvidia, principal fabricante de chips avançados do mundo.

No fórum de líderes econômicos, Xi voltou ao tema ao se queixar do veto americano ao acesso a chips da Nvidia, que ameaça encerrar a trégua na disputa de tarifas com Trump. "Nós temos que manter de forma firme um sistema de comércio multilateral baseado em regras e manter a estabilidade e a operação suave de cadeias industriais e de suprimento", disse.

Putin falou logo depois, e aumentou a seu estilo o tom de confronto no campo geopolítico. Disse que a Europa está "em declínio humilhante" e que não existem mais "hegemônicos ocidentais", em linha com sua retórica colocada em prática desde que invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022.

Ele também criticou as sanções impostas pelo Ocidente à Rússia devido à guerra, dizendo que elas "só fortaleceram seu país", uma afirmação apenas parcialmente verdadeira do ponto de vista econômico.

Os dois aliados fizeram uma reunião bilateral às margens da Apec. Nela, Xi derramou elogios à relação sino-russa, segundo ele "inabalável por tempestades e firme como uma montanha". Putin retribuiu as mesuras. Segundo o Kremlin, o conflito na Ucrânia foi o tema central da conversa, sem detalhar.

Discursos duros à parte, Xi deixou a plenária para receber pessoalmente no aeroporto o norte-americano Trump, retribuindo o gesto do republicano em sua visita aos EUA em setembro. O chinês também chegou com o colega ao banquete de abertura do evento.

Apesar da tensão comercial, o presidente está em momento de fragilidade política após seu partido perder o controle do Congresso em eleições há duas semanas. Trump pode ter um encontro informal à parte com Putin, segundo o Kremlin. Ainda há a expectativa se o ditador norte-coreano, Kim Jong-un, irá comparecer à reunião apesar de não integrar a Apec. Ele é aliado de Xi e Putin, com quem firmou um pacto de ajuda militar mútua em 2024 que levou seus soldados a lutar contra a Ucrânia.

Mas o grande evento da cúpula é a reunião inédita entre os três líderes, que ocorre nesta quinta, ainda que Putin só tenha credenciais de chefe de superpotência no campo do poderio nuclear e no potencial de fornecimento de recursos naturais como o petróleo e o gás.

IORI SAGISAWA/AFP/JC



Outros 18 representantes da região participaram do encontro ampliado

Estarão à mesa interesses divergentes, com temas como as guerras na Ucrânia e no Irã, a IA, armas nucleares e comércio sendo debatidos. Se nenhuma ação concreta é esperada, o fato de os líderes tomarem para si a missão de discutir levou a comparações com cúpulas como a de Ialta, em 1945.Naquela reunião, EUA, União Soviética e um minoritário Reino Unido decidiram as zonas de influência na Europa que definiriam as quatro décadas de Guerra Fria a seguir.

A mais notável é a de líderes europeus, usualmente desprezados por Trump. Para buscar fazer um contraponto, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou nesta quarta uma proposta para um novo pacote de ajuda econômica à Ucrânia, de R$ 285 bilhões em 2027.

# Remoção de carbono entra em documento da COP31 que termina nesta sexta-feira

**/ MEIO AMBIENTE**

Ambientalistas afirmam que a indústria de remoção de carbono da atmosfera tem mais de 700 lobistas na Conferência do Clima da ONU, em Antália. O número é recorde para uma tecnologia que não é viável em termos de política climática. Ou ainda não é. Seja como for, uma menção a ela surgiu na decisão de capa da COP31, que encerra nesta sexta-feira na Turquia.

O texto é o mesmo que abraça o afastamento dos combustíveis fósseis, um dos mapas do caminho elaborados pela presidência brasileira da COP30. O primeiro rascunho da decisão de capa acolhe tantos pleitos que já foi chamado de "árvore de natal" e "lista de compras".

ONGs e o comissário da União Europeia para o Clima, Wopke Hoekstra, foram enfáticos ao se manifestarem contra a menção dos sistemas, frequentemente citados por empresas petrolíferas como alternativa para compensar emissões em um momento crítico.

O limite estabelecido pelo Acordo de Paris, 1,5ºC de aquecimento em relação ao período pré-industrial no fim deste século, será superado nesta década; o chamado "overshoot", a trajetória acima desse patamar, de graves consequências para o planeta, só será sanado com emissões líquidas negativas.

Isso significa que será preciso retirar gases de efeito estufa da atmosfera em quantidade superior à emitida. Segundo a ONU, algo como cortar, até 2030, as emissões de carvão em 55%, as de petróleo, em 15%, e as de gás, em 5%. OU 75%, 30% e 35% até 2040. Ou acabar com a produção de energia a carvão em 15 anos.

Fazer isso de outra forma, portanto, é uma ideia tentadora para a indústria. E é aí que entram as tecnologias de captura e armazenamento de carbono.

